

E agora, lá vamos nós

São nove da noite de um sábado de novembro. Joni, Tony e eu estamos na cidade. Tony é da cidade vizinha e precisa sair. Os pais dele são extremamente religiosos. Nem importa qual é a religião; são todas iguais em determinado ponto, e poucas querem um garoto gay passeando com os amigos em um sábado à noite. Assim, todas as semanas, Tony nos conta histórias da Bíblia, depois aparecemos na porta da casa dele no sábado, bem versados em parábolas e sinceridade, e deslumbramos os pais dele com nossa pureza cegante. Eles dão uma nota de vinte para ele e dizem para aproveitar nosso grupo de estudos. Saímos para gastar o dinheiro em comédias românticas, brinquedos baratos e *jukeboxes* de lanchonete. Nossa felicidade é o mais próximo que vamos chegar de um Deus generoso, então concluímos que os pais de Tony entenderiam se não estivessem determinados a ver tantas coisas errado.

Tony tem que estar em casa à meia-noite, então estamos em uma missão Cinderela. Com isso em mente, ficamos de olho no baile.

Não há exatamente uma noite gay ou uma noite hétero em nossa cidade. Tudo se misturou um tempo atrás, o que eu acho melhor. Quando eu estava no segundo ano, os garotos gays

mais velhos que não fugiam até a cidade grande para se divertir tinham que criar a própria distração. Agora, está tudo ótimo. A maior parte dos caras hétero tenta entrar discretamente no bar Queer Beer. Garotos que amam garotos flertam com garotas que amam garotas. E, independente de você curtir dança de salão ou punk sertanejo, as pistas de dança estão abertas para o que quer que você tenha a oferecer.

Essa é minha cidade. Morei aqui a vida toda.

Esta noite, nosso amigo gaystafari Zeke vai fazer um show em uma livraria de rede. Joni tem carteira de habilitação do estado onde a avó mora, então nos leva por aí no sedã da família. Abrimos as janelas e aumentamos o rádio; gostamos da ideia de nossa música se espalhando por todo o bairro, se tornando parte do ar. Tony está com uma cara de desesperado esta noite, então deixamos que controle o rádio. Ele coloca em uma estação de música folk deprê, e nós perguntamos o que está acontecendo.

— Não sei o que é — conta ele, e sabemos o que ele quer dizer. O vazio sem nome.

Tentamos alegrá-lo comprando para ele um Slurp-Slurp azul na loja de conveniência 24 horas da cidade. Cada um de nós toma um gole, para ver quem fica com a língua mais azul. Quando Tony começa a mostrar a língua junto de todo mundo, sabemos que ele vai ficar bem.

Zeke já está tocando quando chegamos à livraria na estrada. Ele montou o palco na seção de história europeia e, de tempos em tempos, cita nomes como Adriano e Copérnico no meio do rap mágico. O lugar está lotado. Uma garotinha na seção infantil coloca o Coelho Veludinho nos ombros para ele ver melhor. As mãos dela estão bem atrás, de mãos dadas e balançando a cabeça com a melodia de Zeke. O grupo gaystafari se posicionou na seção de jardinagem, enquanto os três integran-

tes hétero do time masculino de lacrosse estão de olho em uma funcionária da livraria na seção de literatura. Ela não parece se importar. Seus óculos são da cor de alcaçuz.

Ando entre as pessoas com facilidade, cumprimentando algumas com a cabeça e dizendo ois sorridentes para outras. Adoro a situação, essa realidade flutuante. Sou um piloto solitário observando a terra de Namorados e Namoradas. Sou três notas no meio de uma música.

Joni segura a mim e Tony e nos puxa para a parte de autoajuda. Já tem umas pessoas com aspecto de monges ali, algumas tentando ignorar a música e aprender as Treze Maneiras de Ser uma Pessoa Eficiente. Sei que Joni nos trouxe aqui porque às vezes você precisa dançar como doido na seção de autoajuda de sua livraria local. Portanto, nós dançamos. Tony hesita, ele não é nenhum grande dançarino. Mas, como já falei um milhão de vezes para ele, quando se trata de dançar de verdade, não importa como você fica aos olhos dos outros, e sim a alegria que sente.

A música de Zeke é contagiante. As pessoas cantarolam e dançam umas com as outras. Dá para ver livros nas prateleiras em forma de caleidoscópio; fileiras rodopiantes de cores, palavras borradas passando.

Eu balanço. Eu canto. Eu me exalto. Meus amigos estão do meu lado, e Zeke está colocando os Huguenotes em sua melodia. Eu giro e derrubo alguns livros das prateleiras. Quando a música acaba, eu me inclino e os recolho.

Pego os livros no chão e fico cara a cara com um par de tênis bem legal.

— Isso é seu? — pergunta uma voz acima dos tênis.

Eu levanto o olhar. E ali está ele.

O cabelo aponta em dez direções diferentes. Os olhos são um pouco perto demais, mas cara, são tão verdes. Tem uma

marquinha de nascença no pescoço, no formato de uma vírgula.

Eu o acho maravilhoso.

Ele está me entregando um livro. *Enxaqueca é coisa da sua cabeça.*

Fico ciente da minha respiração. Fico ciente dos meus batimentos cardíacos. Fico ciente de que minha camisa está parcialmente para fora da calça. Pego o livro da mão dele e agradeço. Coloco de volta na prateleira. Não tem como a autoajuda me ajudar agora.

— Você conhece Zeke? — e pergunto, indicando o palco.

— Não — responde o garoto. — Só vim procurar um livro.

— Sou Paul.

— Sou Noah.

Ele aperta minha mão. Estou tocando na mão dele.

Consigo sentir Joni e Tony mantendo distância, curiosos.

— *Você conhece Zeke?* — pergunta Noah. — As músicas dele são magníficas.

Repito a palavra em pensamento: *magníficas*. É como um presente para meus ouvidos.

— Conheço, nós estudamos juntos — digo casualmente.

— Na escola de ensino médio?

— Essa mesma.

Estou olhando para baixo. Ele tem mãos perfeitas.

— Eu também estudo lá.

— Estuda?

Não consigo acreditar que nunca o vi. Se eu o tivesse visto antes, teria registrado muito bem.

— Faz duas semanas. Você é formando?

Olho para os meus tênis Keds.

— Sou do primeiro ano.

— Legal.

Agora fico com medo de ele estar tentando me agradar. Não tem nada de legal em ser do primeiro ano. Até um garoto novo saberia disso.

— Noah? — interrompe outra voz, insistente e cheia de expectativa.

Uma garota aparece atrás dele. Está vestida com uma mistura letal de cores pastéis. É nova, mas parece que poderia ser anfitriã da Rede de Travesseiros e Sofás.

— Minha irmã — explica ele, para meu alívio.

Ela sai andando. Está claro que é para ele seui-la.

Ele fica ali por um segundo. Nosso epílogo de arrependimento momentâneo. Em seguida, ele diz:

— Te vejo por aí.

Tenho vontade de dizer *espero que sim*, mas fico com medo de ser avançado *demais*. Sou capaz de flertar com os melhores, mas só quando não importa.

Isso de repente importa.

— A gente se vê — ecoo.

Ele vai embora quando Zeke começa outra música. Ao chegar à porta, se vira para olhar para mim e sorri. Sinto-me corar e florescer.

Agora, não consigo dançar. É difícil ter ritmo quando se tem coisas na cabeça. Às vezes, dá para usar a dança para lutar contra elas.

Mas não quero lutar contra isso.

Quero guardar comigo.

— E aí, você acha que ele é convidado do lado da noiva ou do noivo? — pergunta Joni depois do show.

— Acho que hoje as pessoas podem sentar onde quiserem — respondo.

Zeke está arrumando o equipamento. Ficamos encostados na frente da Kombi dele, apertando os olhos para transformarmos as luzes dos postes em estrelas.

— Acho que ele gostou de você — diz Joni.

— Joni — protesto —, você achava que *Wes Travers* gostava de mim, mas ele só queria copiar meu dever de casa.

— Isso é diferente. Ele ficou na seção de arte e arquitetura durante todo o tempo em que Zeke estava tocando. Mas você chamou a atenção dele, e ele se aproximou. Ele não estava atrás de autoajuda.

Olho para o relógio.

— Está quase na hora de virar abóbora. Onde está Tony?

Nós o encontramos ali perto, deitado no meio da rua, em uma ilha divisória adotada pelo clube Kiwanis da cidade.

Os olhos dele estão fechados. Ele está ouvindo a música do trânsito que passa.

Ando até a divisória e conto para ele que o grupo de estudos está quase no final.

— Eu sei — diz ele para o céu. E então, quando está se levantando, acrescenta: — Eu gosto daqui.

Tenho vontade de perguntar a ele *Onde é aqui?* É na ilha divisória, nesta cidade, neste mundo? Mais que qualquer coisa nessa vida estranha, quero que Tony seja feliz. Descobrimos muito tempo atrás que não era para nos apaixonarmos um pelo outro. Mas uma parte de mim ainda se esperançou com ele. Quero um mundo justo. E, em um mundo justo, Tony brilharia.

Eu poderia dizer isso para ele, mas ele não aceitaria. Deixaria na ilha em vez de dobrar e guardar com ele, só para saber que estava lá.

Todos nós precisamos de um lugar. Eu tenho o meu, essa coleção maluca de amigos, músicas, atividades pós-escolares

e sonhos. Quero que ele também tenha um lugar. Quando ele diz “Eu gosto daqui”, não quero que seja com tom triste. Quero poder dizer: *Então fique*.

Mas fico em silêncio porque a noite está silenciosa e Tony já está voltando para o estacionamento.

— O que é um Kiwanis? — grita ele por cima do ombro.

Digo para ele que parece um pássaro. Um pássaro de um lugar muito, muito distante.

— Oi, garoto gay. Oi, Tony. Oi, garota folk.

Nem preciso erguer os olhos da calçada.

— Oi, Ted — digo.

Ele andou até nós justo quando estamos prestes a ir embora. Consigo ouvir os pais de Tony a quilômetros, concluindo as orações noturnas. Eles estarão nos esperando em breve. O carro de Ted está bloqueando nossa passagem. Não por implicância. Por pura falta de atenção. Ele é o mestre da falta de atenção.

— Você está trancando nosso caminho — observa Joni do banco do motorista. A irritação dela não tem muito entusiasmo.

— Você está bonita hoje — responde ele.

Ted e Joni terminaram 12 vezes nos últimos anos. O que quer dizer que voltaram 11 vezes. Sempre sinto que estamos nos balançando no precipício da Volta Número 12.

Ted é inteligente e bonito, mas não usa isso de uma boa forma. É como uma pessoa rica que nunca dá dinheiro para caridade. O mundo raramente se expande além do espelho mais próximo. Mesmo no primeiro ano, ele gosta de pensar em si mesmo como o rei de nossa escola. Ele não parou para reparar que é uma democracia.

O problema com Ted é que ele não é perda total. Às vezes, das profundezas de seu egocentrismo, ele faz um comentário claríssimo e tão inteligente que você deseja ter sido um comen-

tário feito por você. Um detalhe, mas que tem um efeito enorme. Principalmente com Joni.

— É sério — diz ela, com voz mais relaxada —, precisamos ir.

— Vocês ficaram sem capítulos e versículos pro grupo de estudos? “Senhor, enquanto caminho pelo vale da sombra da dúvida, me deixe ao menos usar um Walkman...”

— O Senhor é meu DJ — diz Tony solenemente. — E nada me faltará.

— Um dia, Tony, juro que vamos libertar você. — Ted bate no capô do carro para dar ênfase, e Tony faz uma reverência. Ted move o carro, e logo partimos.

O relógio de Joni diz que são 12h48, mas está tudo bem, pois estamos com uma hora a menos desde que o Horário de Verão acabou. Dirigimos na escuridão azul-negra, com o rádio suave agora e a hora passando lentamente de noite para sono.

Noah é uma lembrança enevoadada na minha mente. Estou perdendo a forma como ele afetou meus nervos; a tontura agora se dissipando no ar lânguido, tornando-se um borrão misterioso de sentimentos bons.

— Como eu nunca o vi antes? — pergunto.

— Talvez você só estivesse esperando a hora certa para reparar — diz Tony.

Pode ser que ele esteja certo.